
NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

SEGUNDO, Juan Luis: *Teología de la Liberación: respuesta al Cardenal Ratzinger*. — Madrid: Ed. Cristiandad, 1985. 195 pp., 20,4x12,9 cm. (Coleção: senda aberta; 7) ISBN 84-7057-375-6

Poderá parecer pouco atual apresentar um livro que comenta a primeira instrução sobre a TdL da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé. A polêmica em torno ao documento já cessou há tempo, e a segunda instrução e principalmente a carta do Papa aos bispos do Brasil (1986) parecem ter posto fim à polêmica. Nesta última o Papa afirma ser a TdL “não só oportuna, mas útil e necessária”. Entretanto, seria ilusório pensar que o perigo passou, os ânimos tenham serenado de todo e a TdL já seja vista nos círculos romanos como aquisição pacífica. Destarte não é sem propósito apresentar ainda hoje — mesmo que brevemente — a resposta de J.L.S à primeira instrução. Já porque se trata de uma análise de magistral acribia, feita por um dos representantes mais conspícuos da TdL.

O A. distingue duas grandes partes na instrução: a primeira (I-VI) apresenta “o verdadeiro e básico argumento contra a TdL” (40) num vai-vem entre o que o documento entende ser a autêntica mensagem cristã e a sua redução a mero humanismo atribuído pela instrução à TdL; a segunda (VII-IX) trata “do método utilizado pela TdL para interpretar tanto a realidade como a palavra de Deus” (119).

Fundamentalmente a primeira parte (em geral, nas diversas interpretações feitas, vista como positiva) é — para J.L.S. — uma condenação da TdL em nome de outra teologia: “Para ser sincero, se essa teologia (do documento) é justa e cabal, a minha, a que formulei em meus livros desde há quase 25 anos, e pratiquei pastoralmente, é, por certo, errada” (86). Mas a teologia do documento — mostra-o A. — está em contradição com a do Vaticano II, pois aquela estabelece uma distinção rígida “entre o temporal e o eterno, o profano e o sagrado, o terrestre e o celestial, a história da salvação e a história da libertação humana” (89), enquanto a GS recordava a vocação divina única do homem: construir a única história humana e assim chegar a Deus (cf. GS 22, 39, 40).

A segunda parte do documento, na análise de J.L.S., não é propriamente teológica, pois se trata do uso do marxismo, mas é “o mais resgatável e proveitoso do documento”, pois “convida a TdL a refletir sobre vários pontos de importância” (138). Entretanto, essa parte é carregada de ressentimento contra o marxismo entendido antes como sistema político (oficial) que como influência cultural difusa e em declínio no Ocidente. Põe-se o problema na forma de dilema: “ou todos os valores que se buscam na história conduzem ao marxismo, ou, para evitá-lo, é mister esvaziar o cristianismo e colocá-lo fora do mundo” (193).

O veredicto último do A. é trágico, embora realista e lúcido: uma “valoração negativa do Vaticano II e do período pós-conciliar” (194, no texto está grifado) perpassa ambas as partes do documento.

O livro é escrito com maestria por seu poder de análise, pela finura das observações e a malícia das entrelinhas. O leitor concordará facilmente com o que o A. afirma na dedicatória: “este livro foi escrito, ainda que pareça mentira, com humor e carinho”, as duas coisas que fazem humana a vida (cf. 7).

F. T.

REGAN, David: *Igreja para a libertação: retrato pastoral da Igreja no Brasil.* / Tradução (do inglês) José W. de Andrade. — São Paulo: Ed. Paulinas, 1986. 327 pp., 21 x 14,3 cm. (Coleção: fermento na massa) ISBN 85-05-00486-8

D. Regan é um sacerdote irlandês que desde de 1963 trabalha missionariamente no Brasil, tendo sido durante 6 anos assessor da CNBB na linha das missões para relações entre as Igrejas do Brasil e da África, na linha da pastoral familiar e na da pastoral urbana. Com esse conhecimento da Igreja do Brasil, traça-lhe o perfil com os olhos de um pastoralista bem informado e de ampla experiência. Empreende “este trabalho com a convicção de que a Igreja do Brasil apresenta atualmente um exemplo de renovação pastoral muito importante”. Por isso detém-se em descrever-lhe os traços característicos, sem fixar-se no gênero literário teológico ou histórico, preferindo o informativo pessoal.

O estilo é leve, com toques jornalísticos. Os títulos, espalhados pelo livro, são provocantes, com a intencionalidade antes de despertar o interesse do leitor que de avisá-lo de antemão do que se trata. O A. desce a dados bem pessoais, citando nomes de bispos, atuações e intervenções dos mesmos, em torno dos problemas candentes da pastoral e vida da Igreja do país, como p.ex. a tensão na Assembléia Geral dos Bispos de 1983 por causa de declarações desabonantes por parte de um arcebispo a respeito da Igreja do Brasil acusada por ele de infiltração marxista e de espírito anti-hierárquico.

O livro trata em longos capítulos sobre as CEBs, o uso da Escritura sobretudo por parte do povo, a opção pelos pobres, a conferência dos bispos, o planejamento pastoral, a libertação cristã e a dimensão política da pastoral da Igreja.

Em estilo leve e informativo, o leitor poderá receber ampla gama de dados ao lado de reflexão teórica pertinente, por alguém que viveu bem dentro da CNBB, sobre a atuação pastoral da Igreja do Brasil.

J. B. L.

CONE, James H.: *O Deus dos Oprimidos*. Tradução (do inglês) Josué Xavier. — São Paulo: Ed. Paulinas, 1985. 286 pp., 20x13 cm. (Coleção: libertação e teologia; 21) ISBN 85-05-00259-8

Depois de 10 anos, aparece em tradução brasileira, essa obra do célebre teólogo negro americano. A Teologia da Libertação (TdL) na América Latina tem-se atido mais à problemática da opressão social do pobres, enquanto que nos Estados Unidos surgiu uma Teologia Negra, no mesmo espírito libertário da TdL, só que insistindo no aspecto racial. Esta é uma das principais obras do mais famoso teólogo negro americano, que antes já tinha publicado "A Teologia negra e o poder negro" (1969) e "Uma Teologia negra da libertação" (1970). J. Cone busca responder aos problemas que a situação de negro do seio da sociedade racista americana levanta a alguém que fizera uma clássica formação teológica às voltas com K. Barth, R. Bultmann, P. Tillich, além do contacto com as fontes bíblicas, patrísticas, etc... Sempre defrontando com a "teologia branca", compulsando as fontes bíblicas, desmascarando as ideologias, busca compreender quem é Jesus Cristo, qual o significado da libertação, o sentido do sofrimento negro no projeto libertador de Deus, uma ética cristã libertadora e a questão da reconciliação entre brancos e negros no prisma cristão.

O conhecimento da Teologia negra americana coloca à TdL novos problemas, já que também em nossos países, de maneira diferente, mas não menos real, se vive, além de uma opressão primordial de classe, a dominação e segregação racial. Sobre os negros pesa, nas suas grandes maiorias, a dupla dominação — econômica e racial —, sem falar também de "discreta" discriminação eclesialística.

J. B. L.

MAY, Roy H.: *Los pobres de la tierra: hacia una pastoral de la tierra*. — San José: DEI, 1986. 133 pp., 21x13,5 cm (Coleção: ecologia-teologia; 2) ISBN 9977-904-25-1

A má distribuição da terra é causa principal da pobreza e miséria dos povos da AL. Este livro relata a situação dos explorados "sem-terra" deste continente. Mas o problema não se reduz somente ao nosso continente.

O A. é pastor protestante. Faz uma reflexão sobre os problemas dos pobres da terra e as implicações desta situação. Terra é sinônimo de poder. Quem a possui, é poderoso; quem não a possui, é explorado, pisado, massacrado, fraco. A questão da terra é questão de justiça, de pastoral e de salvação. Aos pobres desta terra, a Igreja tem que dar uma resposta mediante ações concretas para tornar realidade a promessa do Senhor: "os pobres herdarão a terra" (Mt 5,4).

O A. começa fazendo uma análise da situação da terra na AL, da questão da justiça com os diversos problemas daí decorrentes. Analisa algumas experiências de reforma agrária; enfoca o problema da violência, o modelo capitalista de crescimento econômico e suas contradições, a concentração da terra com a conseqüente expulsão do homem do campo e a eliminação de muitos povos nativos. O A. questiona a Igreja, as ordens religiosas, suas práticas, sua "defesa" dos nativos; e também o protestantismo e sua influência na formação deste continente.

Partindo da experiência do povo de Israel, o A. desenvolve a reflexão sobre a terra na tradição bíblica: terra como promessa, herança, dom, pertença a Javé, salvação, enfim como conquista. Analisa a relação do homem com a terra e a preocupação de justiça, solo cultivável, lugar para viver (AT); a terra escatológica, promessa realizada em Jesus Cristo (NT). Os evangelhos ao falarem do Reino de Deus tomam como base o conceito vetero-testamentário de jubileu. O A. analisa ainda as novas respostas da Igreja relacionadas à questão da terra. Respostas que se manifestam na distribuição das suas terras, nas lutas concretas de bispos, padres, religiosos, agentes pastorais pela distribuição das terras e mudança do sistema fundiário. Nesta luta e na preocupação pastoral pela terra a Igreja pagou e está pagando um preço alto. Muitos agentes pastorais, padres, religiosos tomaram na defesa da causa dos trabalhadores; outros foram presos, perseguidos, expulsos do continente. O A. recorda alguns casos mais conhecidos.

A falta de terra, a exploração irracional da mesma que fez surgir uma massa enorme de "sem-terra", expulsos, explorados, marginalizados (favelados) nas grandes cidades, leva a Igreja a não desistir de sua pastoral de denúncia do abuso e exploração de que são vítimas os lavradores neste continente. Fundamentada na tradição bíblica a Igreja repete princípios fundamentais e os transforma em diretrizes para sua atividade pastoral: "a terra é de Deus e, portanto, pertence a todos", "terra é vida e todos deverão ter acesso a ela".

Daniel Bertuzzi S. J.

Flávio Josefo. Uma testemunha do tempo dos Apóstolos. / Tradução (do francês) I.F.L. Ferreira — São Paulo: Ed. Paulinas, 1986. 95 pp., 23x16 cm. (Coleção: documentos do mundo da Bíblia; 3) ISBN 85-05-00455-8.

O terceiro caderno da coleção "Documentos do mundo da Bíblia" oferece ao leitor uma síntese da vida e obra de Flávio Josefo, uma testemunha importante da época do cristianismo nascente.

Após a apresentação do personagem, da sua concepção de história e do seu método historiográfico, os AA. recolhem os textos mais significativos da obra de Josefo relativos à geografia da Palestina, à vida político-religiosa hebraica, à dinastia

herodiana no poder, aos diferentes procuradores romanos que se sucedem, aos momentos fundamentais da guerra dos romanos contra judeus, até a derrota e suicídio coletivo de Massada. Do livro emerge a personalidade do ilustre historiador: um hebreu orgulhoso das tradições antigas e veneráveis de Israel, que sabe tomar a defesa do seu povo frente ao desprezo, ditado mesmo pela ignorância, do mundo greco-romano. A trágica derrota do ano 70 lhe permite elaborar uma particular concepção teológica da história: os judeus se autodestruíram por causa de suas divisões sectárias e Deus os castigou permitindo a vitória dos romanos.

O interessante do livro é que é o próprio Flávio a falar com vários textos tirados de suas obras (*Antiguidades Judaicas, Autobiografia, Contra Apionem, Guerra Judaica*), cuidadosamente selecionados, introduzidos e concluídos com um comentário breve mas incisivo. A apresentação é feita em função de uma melhor compreensão do NT, como estão a indicar as numerosas referências a propósito, colocadas à margem. Sendo o historiador quase contemporâneo de Jesus, o texto oferecido pelas Ed. Paulinas ajuda o leitor a melhor situar no espaço e no tempo o NT e os acontecimentos do povo judeu, no qual nasce o Cristo, que profetiza o destino próximo da sua nação. Captaram-no bem os cristãos dos primeiros séculos, que, de Orígenes a Eusébio de Cesaréia, valorizaram muito a obra de Josefo. Para quem toma a peito o estudo da Bíblia e até agora não leu a obra completa do historiador hebraico, este compêndio é de importância fundamental.

A. C.

COTHENET, Edouard: *As Epístolas de Pedro.* / Tradução (do francês) Benôni Lemos. — São Paulo: Ed. Paulinas, 1986. 74 pp., 23x16cm. (Coleção: cadernos bíblicos; 38) ISBN 85-05-00456-6

A coleção "Cadernos Bíblicos" (Cahiers d'Évangile) contém obras de diversos tipos. A presente obra é do gênero "introdução e comentário", completado com orientações didáticas, quadros comparativos, excursos, textos ilustrativos etc., numa disposição gráfica variada e estimulante.

As duas epístolas são tratadas separadas, por serem de índole e estilo diferentes. A 1 Pd, ainda em contato próximo com o chefe dos Doze, ao qual é atribuída, poderia datar de 75-80 dC. Reflete uma organização eclesial menos evoluída que as cartas a Timóteo e Tito. O comentador percebe como estrutura da carta quatro séries de exortações (1,13-2,10; 2,11-3,12; 3,13-4,11; 4,12-5,11). Como J.H.Elliott e outros, considera como destinatários cristãos para quem o judaísmo já não é um perigo e que, portanto, podem apropriar-se das suas figuras: o povo santo, a diáspora, o Servo de Deus, as exortações proféticas etc. O presente livro explica bem no seu

contexto vital, a aparente “submissão” que transparece no texto apesar das perseguições.

A 2 Pd deve ser situada num outro contexto vital (heresia, demora da Parusia etc., enquanto faltam alusões à perseguição). Seu gênero literário é o testamento literário. É o último escrito do NT, citando as demais obras do NT.

Por causa da linguagem bastante simples, a obra parece bem acessível, mas na realidade ela supõe um conhecimento bíblico e histórico que nem os nossos alunos de teologia possuem. Isso seja dito não como crítica a esta obra, nem à iniciativa de traduzi-la (o que foi feito com muito esmero), mas como advertência quanto ao seu uso.

J. K.

GOFFI, Tullo – SECONDIN, Bruno: *Problemas y perspectivas de espiritualidad.* / Tradução (do italiano) Alfonso García. — Salamanca: Ed. Sígueme, 1986. 494 pp., 21 x 13,5 cm. (Coleção: nueva alianza; 89)
ISBN 84-301-0996-X

Assistimos nos últimos decênios a um crescente interesse pela espiritualidade como disciplina teológica e como forma de existência cristã. O livro tenta uma síntese orgânica que acolha novas contribuições e horizontes. O tema comum a todas as reflexões é *a experiência*, presente na raiz dos problemas e perspectivas atuais da espiritualidade. A obra é tradução espanhola do original italiano com artigos de 10 colaboradores de vários países. Logicamente é desigual o valor e interesse dos artigos, sendo o conjunto deles interessante e orientador. Consta de três partes, uma conclusão e valiosa bibliografia sistemática. Os títulos dos artigos são bastante significativos:

I. A espiritualidade como experiência: 1. experiência espiritual e o corpo (*Ghislain Lafont*). 2. Experiência espiritual bíblica: AT (*Franco Festorazzi*). 3. Experiência espiritual bíblica: NT (*Prosper Grech*). 4. Síntese histórica da experiência espiritual: a) Experiência católica (*Jordan Aumann*). b) Experiência ortodoxa (*Tomas Spidlik*). c) Protestantes e anglicanos (*Valdo Vinay*). d) Religiões não-cristãs (*Alfonso M. di Nola*). 5. Ser homem espiritual, hoje (*Armido Rizzi*).

II. Experiência espiritual cristã: as constantes: 6. Cristo, nossa páscoa e nosso futuro (*Gerald O'Collins*). 7. O Espírito no mundo e na história (*Giampiero Bof*). 8. Dimensão eclesial da experiência cristã (*Jean-Pierre Torrell*). 9. A liturgia, experiência espiritual cristã primordial (*Salvatore Marsili*). 10. Fazer-se pessoalmente adultos em Cristo (*Federico Ruiz Salvador*).

III. Conseqüências contemporâneas na vivência cristã: 11. Dos conselhos de perfeição ao radicalismo evangélico (*Thadée Matura*). 12. Os estados de vida: antigas

e novas perspectivas (*Sandro Spinsanti*). 13. Mística cristã (*Josef Sudbrack*). 14. Contemplação, mística, martírio (*Jürgen Moltmann*). 15. Movimentos comunitários (*Bruno Secondin*). 16. Vivência espiritual popular (*Tullo Goffi*).

Conclusão: 17. Elementos de espiritualidade na igreja do futuro (*Karl Rahner*).

Destacaria os seguintes trabalhos: o artigo sobre a dimensão corporal da experiência espiritual (1) com atenção especial à sacramentalidade do corpo e à tradição iniciática. Os artigos sobre o Espírito Santo (7), Igreja (8) e a atualidade das experiências chamadas de "sensus fidei" e "sensus fidelium", e a liturgia (9). A mística cristã (13) num mundo sedento de "experiências", a ambigüidade do fenômeno místico, a experiência mística do homem comum através duma fé intensamente experimentada e vivida. Contemplação, mística e martírio (14), um artigo belíssimo que mostra como a vida diária tem a sua mística secreta e seu silencioso martírio.

O mundo da experiência espiritual toca campos de fascinante atualidade como o da psicologia, os movimentos comunitários, a espiritualidade popular, a fidelidade, a cultura e as mudanças, mística e paramística etc. O leitor encontrará nesta obra um pequeno dicionário de espiritualidade de indiscutível valor.

Manuel E. Iglesias S. J.

CASIELLO, Beatriz: *Metodología catequística: aportes para una reflexión.*
— Buenos Aires: Ed Guadalupe, 1986. 255 pp., 19,5x13,5 cm. (Coleção: estudios actuales de didáctica catequística) ISBN 950-500-134-7

Esta obra de metodologia catequética situa acertadamente a problemática evangelizadora no contexto latino-americano, esclarece conceitos da nova visão de metodologia catequética e propõe caminhos concretos para uma práxis catequética.

A ação pastoral deve responder aos desafios de nossa cultura. Dentro dela a Igreja atua e propõe uma pastoral de conjunto que leva em conta uma pluralidade de iniciativas, cujos objetivos são comuns. A tarefa catequética é contribuir para o crescimento de quem adere à mística do serviço, no seguimento de Jesus Cristo.

A A. vê a necessidade de definir inicialmente o que se entende por evangelização, que em síntese é o anúncio dinâmico da verdade total de Jesus Cristo, ou querigma. Um segundo momento é o do anúncio orgânico da mensagem de salvação, ou catequese; ambos levam à conversão, vida de fé, adesão a Jesus Cristo. Esta tarefa é dos teólogos e catequistas.

O fim explícito da catequese é educar na fé, dentro de uma Igreja viva, encarnada. A metodologia adotada será uma pedagogia religiosa realizada nos encontros catequéticos, cuja fonte de inspiração é a Palavra de Deus, o magistério da

Igreja, a liturgia, a vida da Igreja e os valores humanos autênticos. Em todo encontro de catequese (nome adotado em vez de aula de religião) deve estar clara a Páscoa salvadora de Jesus.

A catequese é para toda a vida e não só para etapas determinadas da infância e adolescência. Não é possível determinar com precisão as etapas no crescimento da fé; em todo caso este supõe gradualidade e progressividade na catequese. Neste processo de iniciação cristã, a oração tem sua importância vital; trata-se de uma comunicação filial, progressiva com Deus, usando gestos, partindo da vida concreta. O sacramento da reconciliação fortifica atitudes da vida, para harmonia com Deus e com os homens. De modo particular a Eucaristia será celebrada tendo em conta a maturidade das crianças. Um instrumento importante para a Missa com participação das crianças é o diretório de Paulo VI, publicado em 22.10.73, que deve ser adaptado a cada realidade concreta.

No trabalho com os adolescentes se deve ter presente a experiência religiosa intensificada, os conflitos no campo moral, religioso, suas motivações, etc. A catequese será orientada para eles e deverá responder às suas aspirações e inquietudes, à sua situação real e suas vivências. A A. propõe também nesta obra esquemas para celebrações de iniciação e para encontros com adolescentes.

“Metodología catequística” é um instrumento válido para uma formação atualizada de catequistas. A exposição de temas é clara, progressiva, fácil de entender; sublinha o essencial de cada unidade e propõe uma série de perguntas no final de cada capítulo, que devem ser respondidas em grupo.

Gilberto Freire S. J.

MARINS, José (org.): *Maria libertadora na caminhada da Igreja*: José Marins, Teolide Trevisan, Carolee Chanona. — São Paulo: Ed. Paulinas, 1986. 125 pp., 20x13,2 cm. (Coleção: pastoral e comunidade — nova série; 6)
ISBN 85-05-00557-0

Os AA. resumem à p. 9 o propósito que os guia: “ver como se interrelacionam a devoção mariana, a CEB e a libertação”. Conforme sua tese há uma relação mútua: as CEBs levam a devoção mariana a abrir-se na dimensão comunitária, social e missionária. E esta evangeliza no compromisso libertador à luz do exemplo de Maria, garantindo às CEBs seu sentido católico.

A primeira parte (7-23) mostra a posição da devoção mariana na caminhada eclesial latino-americana.

A segunda parte (25-85) aborda em cinco capítulos a relação realidade-Maria-CEBs, segundo o método ver-julgar-agir, sendo o julgar a “referência mariana”. Cada

capítulo termina com questões para reflexão e discussão comunitária. A “referência mariana” apresenta meditações sobre os dados bíblicos marianos que de alguma forma se podem relacionar com os temas dos capítulos: o povo, a opção, os pobres, os mártires, as CEBs.

A terceira parte traz “ajudas pastorais” (87-117), material para estudo e celebração, esquemas de reuniões e assembleias marianas. Em apêndice (119-123) são apresentadas reflexões sobre Guadalupe e Aparecida.

F. T.

LAURENTIN, René – RUPČIĆ, Ljudevit: *Apariciones de la Virgen en Medjugorje: una investigación.* / Tradução (do francês) Claudio Gancho. – Barcelona: Ed. Herder, 1987. 184 pp., 19,7x12 cm. ISBN 84-254-1564-0

O conhecido mariólogo francês R. Laurentin propõe-se nesta obra estudar as “aparições” de Nossa Senhora em Medjugorje, Iugoslávia. Numa espécie de introdução explica a gênese do livro (9-28). Com isso o leitor é informado de que a co-autoria de L. Rupčić consiste em que as pp. 33-75 são a tradução e adaptação para a mentalidade francesa, ocidental, de um opúsculo do mesmo. R. Laurentin complementa depois com a ulterior evolução dos acontecimentos (79-103), passando a examinar os eventos criticamente (mas talvez não tanto...) (105-147). Por fim, reúne uma série de documentos (149-176). Há, além disso, breves informações sobre o país e a região (30-32), os videntes (76-77), dados cronológicos (177-179), como chegar a Medjugorje (180-181), bibliografia (182-184).

O leitor crítico não se satisfaz nem com a compreensão que R. L. tem de aparições (teologicamente mais vale, ainda hoje, ler Karl Rahner, *Visionen und Prophezeiungen*, Freiburg: Herder Verlag, 1958³; há tradução publicada em Portugal: *Visões e profecias*), nem com a velada apologética em torno às desavenças entre o bispo e os franciscanos.

A tradução castelhana transforma a pergunta que intitula o original francês (de 1984) em afirmação. Será uma tomada de posição?

F. T.

BUONO, José: *La misión, juventud de la Iglesia.* / Tradução (do italiano) Monjas Benedictinas – Buenos Aires: Ed. Guadalupe, 1985. 131 pp., 17,3x 11,5 cm. (Coleção: misión) ISBN 950-500-144-4

Esta obra se destina a jovens responsáveis pelo movimento juvenil das Obras

Pontifícias e pode ser válida também para todos os jovens responsáveis por movimentos ou grupos eclesiais.

O A. começa analisando a realidade do jovem. A juventude atravessa uma profunda crise de identidade, cujas dimensões alcançam também o nível da fé, sua relação com a Igreja e o campo da missão. Ante tal realidade a Igreja tem se preocupado em dar uma resposta; o Vaticano II é uma prova disto. Nele se pretende superar esta crise e descobrir o verdadeiro sentido da juventude e sua missão eclesial.

A LG reconhece ao povo de Deus, ao leigo, seu verdadeiro papel dentro da Igreja e determina sua missão. De modo especial a juventude assume esta missão com valentia, inspirando-se na vivência dos primeiros cristãos, sublinhando a igualdade e a solidariedade. Sua missão é, por meio da Palavra, viver e ajudar a viver as exigências do cristianismo.

A Igreja tem sofrido uma série de qualificações negativas também por parte dos jovens, contudo segue sendo o sacramento universal da salvação. Ante uma corrente que sublinha o sentido horizontal da promoção integral do homem, surge a necessidade de ressaltar o sentido espiritual. Frente a esta realidade a evangelização adquire seu verdadeiro sentido de explicitar o amor do Pai feito realidade no Filho e prolongado na Igreja pela força do Espírito Santo. Esta realidade espiritual garante uma verdadeira evangelização que supõe inculturação e assimilação crítica das culturas, reconhecendo ao mesmo tempo que se trata de um único conteúdo da fé.

Os líderes dos grupos jovens e a comunidade missionária deverão saber expressar e amadurecer suas atitudes no ministério da evangelização, cuja base seja o serviço: pôr ao serviço dos outros os dons recebidos. Entendendo que a vocação missionária é consequência da vocação cristã e é vocação específica para a evangelização universal. O fundamento desta vocação é Cristo, testemunhado através dos Evangelhos, dos Atos, cartas de S. Paulo e também através da história, como o comprovamos ainda hoje.

Ao final desta obra o A. apresenta dois apêndices: um sobre o inspiração e organização das Pontifícias Obras Missionárias e outro sobre o movimento missionário juvenil. A obra, em seu conjunto, é um chamado a fortificar estas obras e estes movimentos.

Gilberto Freire S. J.
